

Uma Farpa na Clareira

LUÍS VENDEIRINHO

ROMANCE

vírgula

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Vírgula (Chancela Sítio do Livro)

TÍTULO: Uma Farpa da Clareira

AUTOR: Luís Vendeirinho

CAPA: Paulo Resende

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Teresa Augusto

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA: Luís Ramos

REVISÃO / DESIGN / PAGINAÇÃO: Paulo Resende

1.ª EDIÇÃO

LISBOA, 2010

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Agapex

ISBN: 978-989-96619-1-2

DEPÓSITO LEGAL: 305476/10

© **LUÍS VENDEIRINHO**

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2 — 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

Para o Simão Pedro, com o meu carinho,
Para a Tininha, com o meu sonho permanente,
Para os meus amigos, com a minha humildade,
Grato por um tempo em que não se pode dizer tudo...

*Na arte da escrita com na leitura
Não chegarás a mestre sem primeiro seres discípulo
Mais verdadeiro é isso na vida.*

Marco Aurélio



I

QUIS A SORTE que aquela estrada fosse desenhada como uma serpente na anca da serra, como quis que eu tenha sido um de dois irmãos gêmeos. O termo desenhar será mais apropriado para a cartografia, era mais uma chaga impossível de evitar, aberta a mando de um mundo que afinal não mudou tanto quanto podemos crer. E se na aparência a condição de gêmeo não tenha nada a ver com o traçado de uma comum estrada, o périplo que iniciava devia-se contudo à instigação do irmão a quem nada se nega, e a trepidação da camioneta, naqueles momentos a caminho de não sei para onde, fazia recordar na janela a minha própria imagem tremida e desfocada, sempre presente.

Ia cheia, é sobretudo barulhenta que a recordo, e se não parece relevante a descrição em pormenor do cenário no interior, posso apenas dizer que levava um pouco de tudo. Os patriarcas, com os chapéus de feltro, a discutir entre si, as mulheres que não escondiam o entusiasmo das confidências, os mancebos apimentando as conversas destinadas ao auditório que já ousava revelar dotes nas calças apertadas entre as fontes do desejo. E os pequenitos iam como eu, em silêncio, à espera de surpresas na feira de Setembro de Vila d' Este, rezando eles por um brinquedo mágico e eu só sabendo que também aquele destino, como os demais, tinha

surpresas. Corriam os pinhais em escada íngreme desde as bermas, de um lado e do outro da estrada, de quando em quando um vulto acenava e ficava para trás, nas casas havia roupas estendidas, lenhas sob os alpendres, guarda-sóis garridos, muita solidão que ia ficando plantada ao compasso dos nomes dos lugares, enviesada pelos trilhos sem asfalto perdidos nos montes. E estou convicto de que os meus companheiros de viagem não davam por nada, nem sequer por mim.

Que sentia a falta do meu irmão Vítor, eu forasteiro solitário, não será novidade, mas que ele se chama Vítor já compõe mais esta história cuja razão de escrever tem um sentido. Porventura o valor que atribuo ao imperativo de contar as aventuras, as venturas e as desventuras consumadas, em poucos dias se diluirá, e as peripécias a que tanto dedico terão o valor que outrem lhes dê, valerão o que valerem e o mundo continuará a girar como se nada de importante tenha acontecido. Eram para ele os pensamentos, é nítida essa imagem em turbilhão. Devia recordar como nos habituámos à ideia de quando um de nós mal pronunciava o nome do outro de imediato ter de ouvir o seu. Assim que descesse em Vila d' Este ia dar notícias, na manhã da primeira quarta-feira de Setembro. Voraz, a camioneta consumia quilómetros e combustível, que o chofer tinha a pressa do horário enfrentando a estrada. Para a ela regressar na sua pena com nome de embraiagem, acelerador e travão, na arte generosa do volante, no vício da sua clientela.

No particular da responsabilidade, pelos dias em que me via de terra em terra, ela está em parte esclarecida. O tempo que me proponho dedicar à sua descrição possível tem outro nome. O do meu primo Zeca que morreu sem me avisar com duas balas na testa e a cuja família próxima a autoridade convenceu que ele se tinha suicidado. Soube-o com a antecedência suficiente para meditar no que podia fazer em sua memória, até decidir homenageá-lo com as palavras que não chegam para tanto. Estas são para ti, Zeca.

Na bouça havia uma clareira, em cada árvore o canto de uma ave, na bouça havia uma ribeira sobre a qual atravessava a brisa suave, e na ribeira havia o céu, e as nuvens e as flores que bebiam crescendo nas margens, havia mato, um sussurro das folhagens, e ninhos preparados para que novas vidas se fossem na Primavera acolhendo, na bouça era tarde e estendia-se a luz sobre a tarde, e na bouça era tarde, hera a cobrir os troncos e o teu olhar já com a poesia tinta de dor, e espanto na bouça em que para ti cantava sem ser ouvida uma ave, em que cada árvore te prometia o sepulcro que se fazia na clareira, e o céu que, sem que se soubesse, já te acolhia. Aos pés do cadáver, sentado no banco da frente com a cabeça pousada sobre o volante, um revólver com menos duas balas no tambor explicou o luto em casa do Zeca. E o carro foi para a sucata sem ser reclamado. Foi esta a notícia que recebi, quando me barbeava uma manhã, retinieo o telefone e o Vítor apareceu com ele e a expressão de mau augúrio antes que o atendesse.

Somos os dois filhos de uma união feliz e duradoura, daquelas cujas famílias não têm uma discussão digna desse nome nem por motivos que ultrapassam a razão, nos momentos difíceis que despertam as tensões ocultas da condição humana. E foi assim que aprendemos a crescer na pacata rotina de Castelo Maior, a terra de ambos os pais e de uma geração numerosa pelo lado paterno. A maioria dos nossos tios dali saiu ainda jovens para irem lançar raízes noutras partes, mas a nossa casa foi-se sustentando dos proventos magros que a oficina gráfica em que o pai investiu proporcionava. A mãe cuidava dos assuntos domésticos, de uma pequena horta que abraçava as quatro paredes que me viram nascer cinco minutos mais velho que o Vítor, e se havia tempo juntava para os seus botões com os bordados finos que lhe pediam para roupas de cama ou atoalhados. Nos projectos de dois filhos sempre houve um lugar íntimo, acredito, para uma menina a quem pudesse ensinar o segredo das suas mãos, tão regateado apesar dos pedidos insistentes

das vizinhas divididas entre os elogios e uma natural inveja. Mas vieram dois rapazes à revelia das expectativas e na emoção de ter gémeos ela nem deve ter pensado mais no assunto. E na terra o nosso nascimento foi um pouco como um fenómeno insólito, ninguém tinha memória de outro idêntico e falava-se de como nos haveriam de reconhecer se os gémeos, como corria de boca em boca, eram duas pessoas iguais. A esse respeito enganaram-se, não tanto pelas feições, mas pelo temperamento e pelos gostos particulares.

Desde novos ganhámos o hábito de, ao sair da escola, irmos ter com o pai à oficina e ali passarmos o resto da tarde, na azáfama de meia dúzia de máquinas e outros tantos operários, para perceber como funcionavam uns e os outros. O recanto da minha predilecção era junto do compositor, que com uma paciência de santo ajustava as letras gravadas no chumbo, corrigindo e alinhando, sem se incomodar com a minha presença enquanto explicava a magia que tinha nas mãos. Chamavam-lhe o *rosca*, sempre com um copito a mais quando o encontravam na taberna depois de jantar, sempre sóbrio na exigência da sua profissão. Eu comecei a tratá-lo pelo *mágico* e a moda pegou na oficina. O Vítor refugiava-se a ler as provas depois de arrumadas, era ele um dos primeiros de Castelo Maior a ter notícias frescas pelo jornal da terra. Ao fim do dia regressávamos a casa com o pai, deixando as máquinas num silêncio estranho e com o cheiro das tintas ainda no nariz.

Recostei-me no conforto possível da cadeira tentando aliviar aquele sentimento de perda, e as imagens estavam presentes como se fossem da véspera. E na ocasião perguntei-me se a conversa com o Zeca teria sido conversa decente, se tanto tempo passado sem nos vermos, e apesar da diferença de idades, a sua disponibilidade teria sido correspondida. Ele era um pouco como o Vítor, sempre a invocar a família, sempre a perguntar por este e por aquele, falando de nomes que pouco me diziam, recordando

factos e contando histórias que me avivavam a percepção de pouco saber sobre os destinos que os laços de sangue uniam. Quando os pais falavam sobre o passado, e recordavam, era o Vítor o ouvinte atento. Eu tinha nessas ocasiões uma sensação de impotência, a de que quanto mais escavasse mais haveria para esgravatar no passado, de que, por muito que tentasse, todas as fotografias que os pais guardavam numa caixa de guitarra com o interior de veludo vermelho, onde eu nunca vira qualquer guitarra, seriam imagens sem voz, amarelecidas pelo tempo, engelhadas e amassadas umas sobre as outras. Para o meu irmão um serão em volta daquele álbum invulgar era a melhor prenda que os pais lhe podiam dar. Talvez tenha sido a única grande diferença entre nós, por demais importante para ser ignorada.

Não é pois de estranhar que ele tenha seguido os estudos de história, e acabasse por se embrenhar na iconografia que lhe sustenta a vida e a curiosidade. Pela minha parte, e o pai teve o bom senso de nos alertar para a inutilidade de estudar o que não serve como ferramenta ou não proporciona satisfação pessoal, vou sendo um dos seus braços dedicando-me a gerir à distância a oficina, entretanto com meios e métodos modernos. O *mágico* ainda é vivo, com mais tempo para as roscas. A mãe tem sempre uma prenda da sua arte quando os visitamos. Os gémeos já não são a atracção da terra que se estendeu para além muralhas. Da visita mais recente o Vítor trouxe consigo os sete volumes do Proust, já lidos há muito, e está a lê-los de novo. Nem eu lhe entendo a motivação, nem ele a minha. À parte isso pouco me inquieta.

A manhã mais luminosa e já com uma temperatura convidativa ao dissipar da minha nostalgia compunha os lugares de gente. Vila d' Este chamava a si o frenesim a que ninguém fica indiferente. Vinham da redondeza, de longe, o comércio ressuscitava por mais um dia, as tendas erguidas de madrugada ofereciam o necessário, o útil, a extravagância por pouco dinheiro. E quando

dei por mim estava engolido no tráfego anárquico, expurgado da minha identidade, ávido de um bom café e de um doce regional, entregue à voz indistinta da multidão. Tirei do pequeno saco de viagem o fascínio que não levava comigo, e as pessoas com a vida escondida sob os passos erráticos eram todas ao mesmo tempo um mistério e um conforto.

– És tu, Manuel? – Perguntou como se houvesse dúvida.
– Em boa hora, estava à espera que ligasses para sair. Já estás em Vila d’Este?

Depois de uma curta troca de palavras, em que dei notícia do pouco que havia para dar, lá fui em busca do homem que na feira usava vender antiguidades. Se tinha ali estatuto de antiquário, teria quanto muito velharias para a maioria. A minha missão era dar pelas antiguidades entre elas, e depois convencê-lo de que eu também percebia do assunto.